

## OS BENEFÍCIOS SOCIAIS E FÍSICOS DO BASQUETE PARA CADEIRANTE.

Suzilane Martins Soares <sup>1</sup>, Carolina Biral Mistrello <sup>2</sup>, Gisele Cristina Ribeiro <sup>3</sup>, *Docente da Universidade: Osvaldo Enrique Cimaschi <sup>n</sup>*

Universidade do Vale do Paraíba / Faculdade de Educação, curso de Educação Física, Estrada Municipal do Limoeiro 250 Jd. Dora, [suzilanesoares@hotmail.com](mailto:suzilanesoares@hotmail.com)

Universidade do Vale do Paraíba / Faculdade de Educação, curso de Educação Física, Estrada Municipal do Limoeiro 250 Jd. Dora, [cbiral@hotmail.com](mailto:cbiral@hotmail.com)

Universidade do Vale do Paraíba / Faculdade de Educação, curso de Educação Física, Estrada Municipal do Limoeiro 250 Jd. Dora, [gi\\_ed.fisica@hotmail.com](mailto:gi_ed.fisica@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho fala sobre os benefícios sociais e físicos do basquete para o cadeirante, onde conta um pouco da história e de como surgiu a modalidade para o deficiente físico. O trabalho visa à inclusão dos cadeirantes no Esporte e o processo de adequação na sociedade as necessidades de seus membros, onde os benefícios sociais e físicos mostram como o cadeirante exerce plenamente a sua cidadania e mostra ao mundo uma nova visão à respeito a sua deficiência, é embasado em referências bibliográficas e visitas em sites especializados.

**Palavra Chave:** Inclusão no Esporte

**Área do Conhecimento:** Educação Física

### Introdução

“Baseado na história real dos homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial. Contada por Carlos Roberto de Oliveira, em entrevista ao site webrun, visitado no dia 25/03/2007.”

A história do desporto para pessoas portadoras de deficiência (PPD) começou na cidade de Aylesbury, Inglaterra. A pedido do governo inglês, o neurologista Ludwig Guttmann, que fugia da perseguição aos judeus na Alemanha nazista, criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares no Hospital de Stoke Mandeville, destinado a tratar de homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial.

Embora já se promovessem atividades esportivas para portadores de deficiência, principalmente na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, foi em 1948 que este conceito ganhou caráter oficial, com a realização dos Jogos de Stoke Mandeville.

O próprio Dr. Guttmann organizou o evento em Stoke Mandeville, que contou com a participação de 16 atletas veteranos de guerra. A realização dos jogos coincidiu com a disputa, em Londres, da XIV Olimpíada, demonstrando o desejo de seu idealizador de que um dia os portadores de

deficiência tivessem a sua Olimpíada. Os métodos de Guttmann foram se expandindo pelo planeta. Médicos do mundo inteiro começaram a adotar a prática sistemática do esporte como parte essencial da reabilitação médica e social dos pacientes. Graças a essa notoriedade, em 1952, um grupo de veteranos de guerra holandeses participou da competição, que ganhou o caráter de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville.

O sonho olímpico de Guttmann viria a se concretizar em 1960, em Roma. Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, na Itália, propôs que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada e nas mesmas instalações. Os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência, reuniu 400 esportistas em cadeira de rodas, de 23 países. A competição teve todo o apoio das autoridades italianas e a própria primeira-dama, Carla Grinchi, abriu os Jogos no Estádio Olímpico de Roma. O Papa João XVIII recebeu os participantes em audiência privada e elogiou o trabalho de Guttmann, comparando-o ao criador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna: “O senhor é o Coubertin dos portadores de deficiência” disse. Em 1976, na cidade

canadense de Toronto, outros grupos de portadores de deficiência aderiram. Nesse mesmo ano, a Suécia sediou pela primeira vez as Paraolimpíadas de Inverno.

Ainda assim, o esporte paraolímpico precisou lutar muito contra problemas administrativos de países anfitriões, sendo a competição disputada em locais alternativos ao do evento principal, entre 1968 e 1984. Somente em 1988, na cidade de Seul, chegou-se ao formato atualmente utilizado, em que as Olimpíadas e as Paraolimpíadas seriam praticamente os mesmos eventos. Atualmente, a integração entre o esporte olímpico e paraolímpico é tão grande, que uma organização primorosa da maior festa do esporte para portadores de deficiência se transformou num item obrigatório no caderno de encargos para qualquer cidade que se candidate a sediar as Olimpíadas. Esse reconhecimento proporcionou um salto ainda maior para o esporte paraolímpico. Em Atlanta, no ano de 1996, um recorde de participação foi estabelecido, com 4.912 atletas de 104 países saltando, correndo e, acima de tudo exercendo os seus direitos. Em Sydney 2000, o número foi superado e 121 países mandaram representantes para a Austrália.

Os Jogos Paraolímpicos é o segundo maior evento do mundo perdendo apenas para as Olimpíadas.

No Brasil, o esporte para pessoas portadoras de deficiência nasceu em 1958, através do paraplégico Robson de Almeida Sampaio. Foi ele quem fundou, no Rio de Janeiro, o primeiro clube de esporte do gênero: O Clube do Otimismo. O gesto de Robson foi resultado da experiência vivida nos estados Unidos, onde fizera tratamento de reabilitação. O esporte para pessoas portadoras de deficiência foi crescendo. As Associações Nacionais foram sendo criadas, passando a atender as necessidades em todas as áreas de deficiência. Finalmente, em 1995 foi criado o Comitê Paraolímpico Brasileiro. No ano seguinte, a atividade ganhou dimensão e importância para a mídia e as empresas privadas. Com o apoio de patrocinadores, foram realizados os II Jogos Brasileiros Paradesportivos. O investimento também permitiu a preparação de 58 atletas que representaram o país nos X Jogos Paraolímpicos de Atlanta.

A estrutura do esporte paraolímpico brasileiro é semelhante a do olímpico. A diferença fundamental é que as seis

federações esportivas que representam os atletas nacionais foram formadas em função da deficiência e não de um esporte específico. Todos os atletas cegos, independentes da atividade escolhida, são filiados à Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) e os surdos à Confederação de Desportos de Surdos (CBDS).

As atividades esportivas para amputados são dirigidas pela Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA), e para os que se locomovem em cadeira de rodas, a organização cabe a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR).



**Figura 1-** Foto ilustrada do basquete para cadeirante.

## **.Objetivo**

O objetivo deste trabalho consiste em demonstrar a importância que o basquete pode trazer para o cadeirante. Oferecendo a ele a oportunidade de estar experimentando sensações e movimentos que frequentemente são impossibilitados pelas barreiras físicas, ambientais e sociais.

O esporte tal como o basquete para Pessoas Portadoras de Deficiência Física, tem como origem a reabilitação, no seu desenvolvimento físico, de se tornar mais ativo, tendo um aumento da coordenação motora, uma maior concentração, de ter mais habilidade, de aprender, levantar a auto-estima, a ser mais sociável, ter espírito esportivo e até mesmo competitivo, pois será de todos esses benefícios que tirará forças para vencer as barreiras que a vida os impôs.

## **Metodologia**

O basquete em cadeira de rodas é praticado por homens e mulheres. As

regras são as mesmas da Federação Internacional de Basquete Amador-FIBA, com algumas adaptações feitas pela IWBF. Exemplos disso são regras como: a cada dois movimentos para impulsionar a cadeira, o jogador tem de quicar a bola pelo menos uma vez. É falta técnica utilizar os membros inferiores para obter algum tipo de vantagem como colocar o pé no chão ou levantar um pouco do assento. Para que haja igualdade entre os atletas e segurança durante os jogos, a cadeira deve ter certas medidas. Elas, inclusive, têm um tipo de pára-choque. É notável a alta pontuação que as disputas atingem. O esporte é um dos mais praticados em todo o mundo e um dos mais vistos durante a Paraolimpíada. As dimensões da quadra e a altura das cestas são as mesmas da vertente olímpica da modalidade. Em princípio, só lesionados medulares atuavam. Com o passar do tempo, amputados passaram a competir. A entidade que gerencia a modalidade desde 1993 é a Federação Internacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas-IWBF, que tem 57 nações filiadas. Antes, esta responsabilidade era da Federação Internacional de Esportes em Cadeira de Rodas de Stoke Mandeville-ISWMSF. No Brasil, a administração da modalidade fica a cargo da Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas-CBBC, criada em 97.

## **Conclusão**

No aspecto social, Dalton (1990, p.12), afirma que o indivíduo portador de deficiência física não pode assegurar-se por si mesmo total ou parcialmente, enquanto Austin constata que as maiorias das pessoas não recebem a possibilidade de se integrar integralmente à sociedade, devido a não terem as mesmas oportunidades.

No aspecto fisiológico, Netto e Gonzáles afirmam que a prática desportiva melhora o condicionamento físico, coordenação motora tornando-o P.P.D. mais rápido, ágil e flexível.

Foi constatado que os portadores de deficiência física encontram dificuldades em praticar atividades físicas por falta de locais para a prática desportiva, por negligência de suas próprias famílias que isolam o deficiente, dificuldades de locomoção, porque às vezes não há como chegar aos locais de treino através dos

transportes públicos, por não haver adaptações urbanas adequadas aos P.P.D's. Além de haver uma falta de materiais para o treinamento como tabelas, bolas, cadeiras de rodas adaptadas.

## **Referências Bibliográficas**

Site: [www.webrun.com.br/cadeirante](http://www.webrun.com.br/cadeirante), visitado em 25/03/2007.

Site: [www.scielo.br](http://www.scielo.br), visitado em 31/03/2007.

Site: [www.katatudo.com.br/buscas/basquete\\_cadeirantes](http://www.katatudo.com.br/buscas/basquete_cadeirantes), visitado em 01/04/2007.

Site: [www.cpb.org.br/m/.../tegra.asp?modal=basquete](http://www.cpb.org.br/m/.../tegra.asp?modal=basquete), visitado em 01/04/2007.

Site: [www.informacao.srv.br/cpb/pdf/basquete.pdf](http://www.informacao.srv.br/cpb/pdf/basquete.pdf), visitado em 01/04/2007.

Livro; Mattos E. Esportes adaptados para portadores de deficiências físicas: implicações e aplicações. Anais III Simpósio Paulista de educação Física Adaptada. São Paulo.

Livro; Teixeira, Ana Maria Fonseca, Basquetebol em cadeiras de rodas: manual de orientação para professores de educação física/Ana Maria Fonseca Teixeira, Sonia Maria Ribeiro – Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. 50p.il

Livro; MATTOS, Elisabete. Pessoas portadoras de deficiência física(motora) e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer. In: Educação Física e desporto para pessoas portadoras de deficiência. Brasília: MEC – SEDES, SESI, 1994.

Livro; Souza, Pedro Américo de O. esporte na paraplegia e tetraplegia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogn, 1994.